

# *Boletim Gaúcho de Geografia*

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

---

COMPREENDER/ENTENDER GEOGRAFIA ATRAVÉS DA GEOGRAFIA FÍSICA E DA GEOMORFOLOGIA

*Felipe Silveira de Souza*  
*Boletim Gaúcho de Geografia*, 29: 115-118, jan., 2003.

Versão online disponível em:  
<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38749/26258>

---

Publicado por  
**Associação dos Geógrafos Brasileiros**

---



Portal de Periódicos  
**UFRGS**

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL

---

## Informações Adicionais

**Email:** [portoalegre@agb.org.br](mailto:portoalegre@agb.org.br)

**Políticas:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

**Submissão:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

**Diretrizes:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

---

Data de publicação - jan, 2003  
Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

## **Compreender/Entender Geografia Através da Geografia Física e da Geomorfologia**

*Felipe Silveira de Souza\**

Resenha de: SUERTEGARAY, Dirce M. A. Geografia Física e Geomorfologia: Uma (Re)Leitura. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2002, 112 p.

O livro Geografia Física e Geomorfologia da Profª Dirce Suertegaray traz em seu bojo muitas discussões vistas em nossas salas de aulas no que tange ao estudo de tais ramos do conhecimento geográfico. O livro é uma coletânea de artigos publicados desde a década de 80, organizados em três partes (Geografia Física, Geomorfologia, Novas Tecnologias e Trabalho de Campo), onde podemos perceber a evolução do pensamento da autora, partindo de um aprofundamento epistemológico da categoria de análise: ambiente. E sob alguns dos paradigmas que atravessaram a ciência nesse período histórico, curto, mas de modificações sensíveis, podemos abrir um leque nesse debate da geografia dentro de um todo. Nesse sentido, a obra suscita muitas compreensões/questionamentos que balizaram as discussões paradigmáticas na geografia, as quais ainda estão muito presentes, sem ter, contudo, a pretensão de findar tal debate.

Os artigos "Geografia Física: uma Reflexão", "A Geografia Física no Final do Século XX", "Considerações sobre o Fazer Científico: Natureza, Sociedade e Geografia" analisam a colaboração da geografia física para o conhecimento geográfico. Dentro desse contexto, vemos que a autora procura expressar toda sua percepção/conhecimento sobre tal área, trabalhando de maneira abrangente

---

\* Bolsista do Programa Especial de Treinamento (PET - Geografia - Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS-SESu).

BOLETIM GAÚCHO DE GEOGRAFIA	PORTO ALEGRE	Vol. 29	Nº 1	P. 115-118	JAN-JUN. 2003
--------------------------------	--------------	---------	------	------------	---------------

com a compreensão da categoria de análise ambiente. Essa categoria de análise é trazida sob várias possibilidades, sendo trabalhada sempre no sentido de explorar, além dos limites, a dicotomia sociedade e natureza, tão presente ainda na geografia.

Sendo assim, é possível observarmos, nos textos mais antigos, aproximações conceituais com a corrente paradigmática da geografia crítica, quando a autora esclarece que as referências aos estudos de geografia física devem ser feitas sob o entendimento do ambiente, o qual esse deve ser percebido como resultado da contradição natureza/sociedade, sendo, então, necessária para sua compreensão, o entendimento da totalidade dialética. Entretanto, nos artigos mais recentes, percebemos que, através das propostas trazidas por Edgar Morin, a autora amplia a discussão sobre o tema de análise ambiental e a idéia de *complexidade* que este tem.

A *complexidade* nos permite trabalhar de uma maneira não-reducionista, sendo que podemos entender o ambiente, através do caos, corrente da física e pela teoria sistêmica, tão usada hoje nas ciências naturais. A análise através de uma leitura complexa abrange muitos caminhos, embora esse caminho que busque vários caminhos acabe nunca alcançando toda a complexidade universal, dificultando nossa saída do caráter reducionista da ciência. Sob determinado ponto de vista, sempre estaremos a mercê de algumas variáveis que nos são mais visíveis; cabe a nós, em nossos estudos, portanto, tentarmos ampliar cada vez mais nossa capacidade analítica, para diminuirmos cada vez mais essa tendência reducionista que encontramos no "fazer" ciência.

A idéia de trans/multi/interdisciplinaridade está contemplada nos artigos, sendo essa uma das premissas necessárias ao entendimento da complexidade universal. O caráter reducionista da ciência se reflete na divisão do conhecimento através das disciplinas e nesse livro podemos perceber o quanto a autora tenta ultrapassar as abordagens meramente geográficas nos seus estudos. A referência a autores como: Maturana e Varela, Guattari, Capra, Flickinger e Neurer e o próprio Morin demonstra que a autora busca para suas análises uma vasta gama de possibilidades, através da fusão de várias idéias seja de qual for a área de abordagem de tal autor, uma vez que o conhecimento não é operado por áreas, mas sim por todas sem qualquer divisão. O conhecimento é complexo.

Temos, também, nos artigos que falam sobre geomorfologia, cujo tema tem servido de base para a autora desenvolver muitas de suas pesquisas, ao longo dos anos, uma leitura ampla e intrigante. Muitas idéias de vanguarda são trazidas à tona, fazendo com que esse conhecimento, que para muitos é meramente técnico, possa ser entendido sob uma forma muito abrangente, que aproxima o técnico do filosófico. Nos artigos "Geomorfologia: Novos Conceitos e Abordagens", "Tempo Geomorfológico, Interfaces Geomorfológicas", "O Tempo da Ação Humana e Suas Transformações", "Da Interpretação do Relevo no Tempo que Escolha ao Tempo que Faz" encontramos tal discussão.

Nesses artigos, a autora faz uma síntese histórica das leituras trazidas pela geomorfologia, ou seja, sua contribuição para as ciências naturais, ao mesmo tempo que promove uma discussão sobre os caminhos a serem estudados/compreendidos atualmente. Dentro dessa discussão, temos a encaminhamento da idéia de que vivemos sob um novo período geológico, o Quinário, o qual é resultado do que Milton Santos designa de "período técnico-científico-informacional", de uma aceleração no tempo exercida no mesmo, e que acaba por trazer reflexos no espaço.

Os reflexos desse novo período geológico, o Quinário, seriam os depósitos tecnogênicos, que são o resultado da ação do homem no relevo, como por exemplo, aterros sanitários, processos erosivos decorrentes do uso do solo e outros, que acabam por transformar a paisagem. Sendo assim, a compreensão de aceleração no tempo e sua ação no espaço como fruto da atividade econômica, resultante de um período técnico-científico-informacional, é necessária. Tempo/espaço são relativizados pela autora de modo muito perspicaz, no nosso entendimento, sobretudo no artigo "Da Interpretação do Relevo no Tempo que Escoa ao Tempo que Faz", onde a temática geomorfológica é trazida através de teóricos que não discutem tal área do conhecimento geográfico, como: Milton Santos, David Harvey, Boaventura Santos, Humberto Maturana, Stephen Gould e Michel Serres. Tais intelectuais elaboram suas discussões sob a compreensão do atual período em que vivemos, onde, como já dissemos, temos reflexos no tempo/espaço.

O "tempo que escoa" seria uma idéia trazida pela geomorfologia clássica através de sua estreita ligação com a geologia, com a noção de tempo profundo, entendido como espiral, que nos remete ao entendimento de ciclos que ocorrem sucessivamente e regularmente, mas nunca da mesma forma. São processos que ocorrem no decorrer de milhares de anos. Entretanto, atualmente, devemos compreender que, através dos processos técnicos que a evolução científica nos traz, temos uma aceleração nos processos produtivos e, com isso também, uma aceleração dos processos naturais. Dentro desse contexto, devemos entender a construção de um novo espaço, através de uma leitura que compreenda esses processos acelerados do momento atual, fazendo-se necessária, por isso, a compreensão do "tempo que faz". *O tempo que faz é o tempo das irregularidades, dos episódios catastróficos, dos eventos esporádicos, dos ritmos e das variabilidades* (p.86). Através de uma leitura que entende o tempo que faz, podemos discutir a natureza antropogênica (aquela oriunda da ação/transformação do homem no espaço).

Ao final do livro, encontramos o capítulo "Novas Tecnologias e Trabalho de Campo" que apresenta muitas das inquietações teórico/práticas que a autora refere durante os diversos textos. No caso do artigo "A Aplicação de Novas Tecnologias em Geografia Física", temos a discussão da importância do referencial instrumental na geografia, através dos Sistemas de Informações Geográficas (SIG). A autora esclarece a importância de tal recurso frente a uma nova concepção de

mundo perpassado pelos processos acelerados na transformação do espaço oriundos de um período técnico-científico-informacional, já que tal instrumento possibilita ampla inserção de dados, podendo calcular "n" variáveis, com a rapidez necessária no atual momento em que vivemos. A autora explicita, entretanto, com clareza, sua percepção sobre esse referencial instrumental, que como a própria menção nos afirma, é apenas um instrumento, uma ferramenta, ou seja, um meio e não um fim. Segundo a autora, aqueles que trabalham em geografia precisam entender/utilizar tais instrumentos, contudo, o mais importante é entender os resultados apontados pelo uso deles.

Já no artigo "Geografia e Trabalho de Campo", temos uma discussão do trabalho de campo como recurso de análise para profissionais e como recurso didático para estudantes. O trabalho de campo tem sua importância resgatada, na medida que permite a transformação sujeito pelo objeto e vice-versa (já que o sujeito, através de suas análises do objeto, modifica seu pensamento, e o objeto, com essa modificação no pensamento, já não é mais o mesmo). Entretanto, o que vemos na pesquisa e no ensino são pesquisas que não nos permitem entender/compreender o todo, ficando a totalidade remetida a alguns recortes no espaço, partindo, assim, para uma redução do conhecimento. Com isso, faz-se necessária uma nova reflexão das práticas em pesquisa de campo, para que seja contemplado o uso correto de instrumentais científicos, permitindo uma visão mais ampla da realidade, através da articulação do sujeito com o objeto.

Ao final, cabe salientar que tal livro nos permite refletir teoria/prática geográfica, como bem afirma o Prof. Nelson Rego no prefácio do livro, já que a Prof<sup>a</sup>. Dirce consegue, habilmente, aprofundar tais questões numa leitura simples e didática, não deixando de ser complexa, uma vez que, nesse livro pequeno, temos um grande esboço sobre a complexidade universal e seus reflexos no conhecimento geográfico. É um livro não só para aqueles que têm gosto particular pela geografia física e geomorfologia, mas também para aqueles que são amantes da geografia e flertam com outros ramos do conhecimento.